

## **METALEXICOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL: HISTÓRIA E CONTRIBUIÇÕES**

### **SCHOOL META-LEXICOGRAPHY IN BRAZIL: HISTORY AND CONTRIBUTIONS**

---

**Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves\***

**Resumo:** O nascimento dos dicionários é remoto. É nas “glosas de equivalentes ingleses e palavras e expressões difíceis” que, autores como Welker (2004), registram a sua origem. Especialmente na Língua Portuguesa, um manuscrito alcobacense composto de uma listagem de 3.000 verbos latinos marca a origem dessas obras lexicográficas. Sem dúvida, uma origem que aponta para o papel normativo que os dicionários possuem. Porém, na atualidade isso vem se transformando e, oferecendo cada vez mais informações ao consulente, os dicionários assumem diversos papéis respondendo a questões sociais, pragmáticas, culturais, ideológicas, didáticas, entre outras. Esse último papel do dicionário, uma obra de cunho didático, fez surgir um ramo da Linguística relativamente novo, a Metalexigrafia escolar, que busca sistematizar os conhecimentos lexicográficos e metalexicográficos voltados ao público escolar. No Brasil, a inclusão dos dicionários no Programa Nacional do livro didático – PNLD do Ministério da Educação e Cultura – MEC representa um avanço nessa área. Esse trabalho objetiva inicialmente proceder a um estudo comparativo entre a Lexicologia, a Lexicografia e a Metalexigrafia; abordar aspectos da Lexicografia escolar no Brasil e discutir as contribuições dos critérios propostos pelo PNLD-MEC de 2006 e 2012 no contexto escolar.

**Palavras-chave:** metalexigrafia escolar; dicionários escolares; Programa Nacional do livro didático/dicionário- Ministério da Educação e Cultura.

**Abstract:** The Birth of the dictionaries is remote. It is in "disallowances of equivalent English and difficult words and expressions" that authors like Welker (2004), record its origin. Especially in Portuguese, an alcobaca originated manuscript composed of a list of 3,000 Latin verbs, sets the origin of these lexicographical works. No doubt, a source that points to the normative role that dictionaries have. However, nowadays this situation has been changed, and is increasingly offering information to the inquirer, dictionaries assume different roles responding to social, pragmatic, cultural, ideological, educational questions, among others. This last role of the dictionary, a work of didactic nature, gave birth to a relatively new branch of Linguistics, the School Meta-lexicography that seeks to systematize the lexicographical and meta-lexicographic knowledge, targeting the school audience. In Brazil, the inclusion of dictionaries in the National Program of the textbook - PNLD from the Ministry of Education and Culture - MEC represents a breakthrough in this area. This paper aims initially to conduct a comparative study between Lexicology, Lexicography and the Meta-lexicography; address aspects of the school lexicography in Brazil and discuss the contributions of the criteria proposed by PNLD-MEC from 2006 and 2012 in the school context.

---

\* Doutora em Análise Linguística pela UNESP- Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho; professora do curso de Letras da UFT - Universidade Federal do Tocantins/Porto Nacional. E-mail: [sheilacpgoncalves@uft.edu.br](mailto:sheilacpgoncalves@uft.edu.br); [sheilacpgoncalves@yahoo.com.br](mailto:sheilacpgoncalves@yahoo.com.br)

**Keywords:** school meta-lexicography; school dictionaries; National Program of the textbook /dictionary- Ministry of Education and Culture.

### **Dicionários: algumas considerações iniciais**

*“Não sei se muita gente haverá reparado nisso — mas o dicionário é um dos livros mais poéticos, se não mesmo o mais poético dos livros. O dicionário tem dentro de si o universo completo. Logo que uma noção humana toma forma de palavra — que é o que dá existência às noções — vai habitar o dicionário. As noções velhas vão ficando, com seus sestros de gente antiga, suas rugas, seus vestidos fora de moda; as noções novas vão chegando, com suas petulâncias, seus arrebiques, às vezes, sua rusticidade, sua grosseria. E tudo se vai arrumando direitinho, não pela ordem de chegada, como os candidatos a lugares nos ônibus, mas pela ordem alfabética, como nas listas de pessoas importantes, quando não se quer magoar ninguém...”*

Cecília Meireles

As palavras de Cecília Meireles retratam a essência do dicionário: “[...] é um dos livros mais poéticos, se não mesmo o mais poético dos livros... ele tem dentro de si o universo completo... [...]” Livro poético, instrucional, didático, os dicionários sempre estiveram entre nós.

Para Welker (2004, p. 63), os primeiros dicionários tiveram suas origens “na glosa de palavras e expressões difíceis”. O autor (WELKER, 2004, p. 64) cita as denominadas glosas interlineares, ou seja, “equivalentes ingleses de palavras latinas, obviamente, das mais difíceis, escritas entre as línguas dos manuscritos para ajudar os leitores cujo conhecimento do latim era imperfeito.”

Na Língua Portuguesa, daquilo que “poderá ter sido a pré-Lexicografia medieval”, Welker (2004, p. 65) cita o registro de um manuscrito alcobacense como sendo um “pequeno texto residual” e registra a “notícia de outro.” Ele explica que esse documento compõe-se de uma listagem quase alfabética de cerca de 3.000 verbos latinos, transcritos no início do século XIV.

Nos dias atuais, o dicionário deixou de ser uma obra que lista palavras difíceis e é visto sob diferentes pontos de vista: Bagno (2011, p. 119), por exemplo, aborda a questão do registro da “norma correta.” Ele define dicionário como sendo “constituído, tradicionalmente,

ao menos na cultura ocidental, de um dos principais instrumentos de *descrição, prescrição, codificação e legitimação* do modelo idealizado de língua correta”, ou seja, além de descrever o léxico, cabe ao dicionário o papel de estabelecer e orientar o “melhor uso da língua”.

Segundo Lara (1992, p. 20), “o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e ocupa um lugar importante.” Em outras palavras, ele ocupa lugar de destaque, pois ao seu nome está vinculada a ideia de credibilidade e confiança, além de registrar e refletir aspectos culturais de determinada comunidade.

Em seu artigo “Lexicografia pedagógica: definições, história, peculiaridades”, Welker (2008, p. 14) discute o aspecto didático ou não dos dicionários e afirma que o “adjetivo *didático* refere-se ao ensino. Obras didáticas são usadas no ensino, devem ensinar, e isso, de preferência, de maneira didática. Os dicionários, em geral, não ensinam, eles **informam**” (grifo do autor).

Postura diferente toma Krieger quando afirma que:

todo e qualquer dicionário é didático, na medida em que traz inúmeras informações sobre o léxico, a língua e a cultura. E, como tal, ajuda o aluno a escrever, a expressar-se bem, oferecendo-lhe informações sistematizadas sobre as palavras, seus usos e sentidos, bem como sobre aspectos gramaticais e históricos. (KRIEGER, 2011, p. 109)

Com efeito e, retomando as citações acima, entendemos por dicionário, neste trabalho, uma obra de cunho didático, que seleciona e organiza as unidades lexicais com base em critérios lexicográficos bem elaborados, considerando o objetivo e o público-alvo a que a obra se destina. De fato, para nós, o dicionário é uma obra utilizada para ensinar e um instrumento útil no processo de ensino e aprendizagem.

Além disso, seu manuseio requer muito mais do que simples decodificação. Ele exige do consulente um conhecimento específico, um pré-aprendizado, ou seja, é preciso que ele seja levado a conhecer o dicionário, aprenda a manuseá-lo, possa se tornar “íntimo” dele e, dessa forma, tirar o máximo de proveito.

Por isso, tendo o dicionário escolar como nosso objeto de trabalho, expomos, na sequência, os subsídios teóricos que nortearam este trabalho, apresentando as semelhanças e diferenças entre a Lexicologia, Lexicografia e a Metalexigrafia, disciplinas ligadas a essas obras lexicográficas, ou seja, os dicionários.

## 1. Lexicologia, Lexicografia, Metalexigrafia

A Lexicologia, a Lexicografia e a Metalexigrafia são ramos da Linguística que se ocupam do estudo do léxico e, até chegarem ao modo como estão hoje, passaram por diversas transformações, que, sem dúvida, estão interligadas às necessidades dos falantes.

No dizer de Gomes (2007, p. 71), a origem do percurso que levou ao surgimento da Lexicografia se deu pelos “falantes que precisavam de instrumentos que estabelecessem equivalências entre as diversas línguas com as quais mantinham contato regular, fosse por meio do comércio, da religião ou da vida social em si”.

Para Nunes (2006, p. 49), a Lexicografia foi impulsionada ainda no período Renascentista, época em que surgiram os dicionários denominados de *thesaurus*, como o *Thesaurus lingua latinae* (1532) e o *Vocabulario degli Accademici della Crusca* (1612).

Apesar de historicamente tão antigas, a Lexicologia e a Lexicografia ainda apresentam, na atualidade, divergências entre os autores em relação às suas definições e aos seus objetos de estudo: para Krieger e Finatto (2004, p. 43), por exemplo, a Lexicologia é um “ramo da Linguística” que se dedica ao “estudo científico do léxico em geral”, ou seja, a Lexicologia observa e descreve as “unidades lexicais de um idioma dentro do contexto dos estudos linguísticos”, acrescentam as autoras.

No dizer das autoras, a Lexicologia

Relaciona-se intimamente com a gramática, em especial com a Morfologia, envolvendo a problemática da composição e derivação das palavras, da categorização léxico-gramatical; bem como vincula-se aos enfoques sobre a estruturação dos sintagmas; além das relações com a Semântica. Por isso, diz-se que a Lexicologia se ocupa de aspectos formais e semânticos das unidades lexicais de uma língua. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 45)

Para Welker (2004, p. 11), a Lexicografia tem dois sentidos: “Lexicografia prática” – entendida como “ciência, técnica, prática ou mesmo arte de elaborar dicionários” ou “Lexicografia teórica”, também empregada em línguas como o inglês, francês e o alemão como “Metalexigrafia”, entendida como “o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da Lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários (...) e ainda a tipologia”.

Medina Guerra (2003, p. 34), em sua obra *Lexicografia espanhola*, aponta para a Lexicografia definida tradicionalmente como a “arte de fazer dicionários”<sup>1</sup> e mais modernamente como “a técnica de fazer dicionários”<sup>2</sup>, aliás, segundo a autora, *arte e técnica* são termos considerados sinônimos, mas que negam o caráter científico da Lexicografia.

Por outro lado, para Casares (1992):

E de semelhante modo distinguimos uma ciência da gramática e uma arte da gramática, podemos distinguir duas faculdades que têm como objeto em comum a origem, a forma, o significado das palavras: a lexicologia, que estuda estas matérias do ponto de vista geral e científico e a lexicografia, cuja função, principalmente utilitária, define-se acertadamente em nosso léxico como a “arte de compor dicionários”. (CASARES, 1992, p. 59)<sup>3</sup>

Para Haensch et al., a Lexicologia é:

A descrição do léxico que lida com as estruturas e regularidades dentro da totalidade lexical de um sistema individual ou coletivo. Se se trata somente das regularidades formais que se referem aos significantes dentro do campo da lexicologia, falaremos de ‘morfologia léxica’, e se se trata de regularidades nas relações lexicais com outros fatores da comunicação linguística (especialmente com o conteúdo dos significantes), dentro do campo da lexicologia, falaremos de ‘semântica léxica’. (HAENSCH et al., 1982, p. 93)<sup>4</sup>

Por outro lado, Lexicografia, para esses autores é:

todo domínio da descrição léxica que se concentre no estudo e na descrição dos monemas e não-monemas individuais, dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas linguísticos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas linguísticos individuais e dos sistemas linguísticos coletivos. (HAENSCH et al., 1982, p. 93)<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> El “arte de hacer diccionarios” (MEDINA GUERRA, 2003, p. 34).

<sup>2</sup> “La técnica de hacer diccionarios”. (MEDINA GUERRA, 2003, p. 34).

<sup>3</sup> Y de igual manera distinguimos una ciencia de la gramática y un arte de la gramática, podemos distinguir dos facultades que tienen por objeto común el origen, la forma y el significado de las palabras: la lexicología, que estudia estas materias desde el punto de vista general y científico y la lexicografía, cuyo cometido, principalmente utilitario, se define acertadamente en nuestro léxico como el “arte de componer diccionarios” (CASARES, 1992, p. 59)

<sup>4</sup> A la descripción del léxico que se ocupa de las estructuras y regularidades dentro de la totalidad del léxico de un sistema individual o de un sistema colectivo. Si se trata sólo de las regularidades formales que se refieren a los significantes dentro del campo de la lexicología, hablaremos de “morfología léxica”, y si se trata de regularidades en las relaciones del léxico con otros factores de la comunicación lingüística (especialmente con el contenido de los significantes), dentro del campo de la lexicología, hablaremos de “semántica léxica.” (HAENSCH et al., 1982, p. 93)

<sup>5</sup> todo dominio de la descripción léxica que se concentre en el estudio y la descripción de los monemas y sinmonemas individuales, de los discursos individuales, de los discursos colectivos, de los sistemas lingüísticos individuales, de los discursos colectivos, de los sistemas lingüísticos individuales y de los sistemas lingüísticos colectivos. (HAENSCH et al., 1982, p. 93)

Também fomos buscar as considerações acerca das diferenças e/ou semelhanças entre Lexicologia e Lexicografia em Dapena (2002, p. 17) que, entre outros, cita Matoré (1953), Martinez de Souza (1995) e Werner (1982).

Antes de se posicionar, Dapena (2002, p. 17), explica, por exemplo, que, para Matoré (1953), apesar de a Lexicologia e de a Lexicografia estudarem o léxico, a Lexicografia se constrói com base em um ponto de vista analítico, estuda o vocabulário e possui caráter concreto e particular, enquanto a Lexicologia parte de um ponto de vista sintético, preocupa-se com princípios e leis que regem o vocabulário e apresenta caráter abstrato e geral.<sup>6</sup>

Martinez de Souza (1995), segundo Dapena (2002, p. 17), possui opinião contrária e considera a Lexicologia como parte ou capítulo da Lexicografia.<sup>7</sup> Já Werner (1982), para Dapena (2002, p. 17), considera as duas como descrições do léxico de um sistema individual ou coletivo. A Lexicografia, para Werner, ocupa-se das unidades léxicas individuais ou concretas e a Lexicologia estuda as regularidades formais referentes ao significante ou significado.<sup>8</sup>

Dapena (2002, p. 24) diferencia a Lexicologia e a Lexicografia como disciplinas autônomas: apesar de ambas se ocuparem do estudo do léxico, elas apresentam métodos e finalidades distintas. O autor afirma

A lexicografia é a disciplina que se ocupa de todas questões relativas aos dicionários, tanto no que diz respeito a seu conteúdo científico (estudo do léxico), quanto à sua elaboração material e as técnicas adotadas em sua realização, ou, em suma, a estas análises; quando se refere a estes dois últimos aspectos, falamos de **lexicografia teórica ou metalexigrafia**, que estará estruturada em duas partes: uma do tipo descritiva, crítica e histórica, que é o estudo de dicionários existentes, juntamente com a outra de caráter técnico ou metodológico, que por sua vez pode ter caráter geral, ao estudar as questões concernentes, igualmente, ao desenvolvimento de qualquer trabalho lexicográfico [...] (DAPENA, 2002, p. 24) (grifos do autor)

---

<sup>6</sup> Siguiendo, precisamente, esta línea, Matoré basa la distinción entre lexicografía y lexicología en el punto de vista analítico de la primera frente al sintético de la segunda, dado que aquella, estudia atomísticamente el vocabulário, esto es palabra por palabra, mientras que la lexicología se preocupa por los principios y leyes generales que rigen el vocabulario. Dicho de otro modo, estas disciplinas se distinguirían por el carácter concreto y particular de una frente al abstracto y general de la otra; ambas como hemos dicho, estudiarían el léxico pero en niveles diferentes. (DAPENA, 2002, p. 17)

<sup>7</sup> La lexicología como una parte o capítulo de la lexicografía. (DAPENA, 2002, p. 17)

<sup>8</sup> Tanto la lexicografía como la lexicología serían descripciones del léxico de un sistema lingüístico individual o colectivo, pero con la diferencia de que, mientras la primera se ocuparía de las unidades léxicas individuales o concretas, [...] La segunda estudiaría las regularidades formales referentes al significante y al significado. (DAPENA, 2002, p. 17)

<sup>9</sup> La lexicografía es la disciplina que se ocupa de todo lo concerniente a los diccionarios, tanto en lo que se refiere a su contenido científico (estudio del léxico) como a su elaboración material y a las técnicas adoptadas en

É possível observarmos claramente a visão de Dapena no infográfico que o autor apresenta em sua obra:

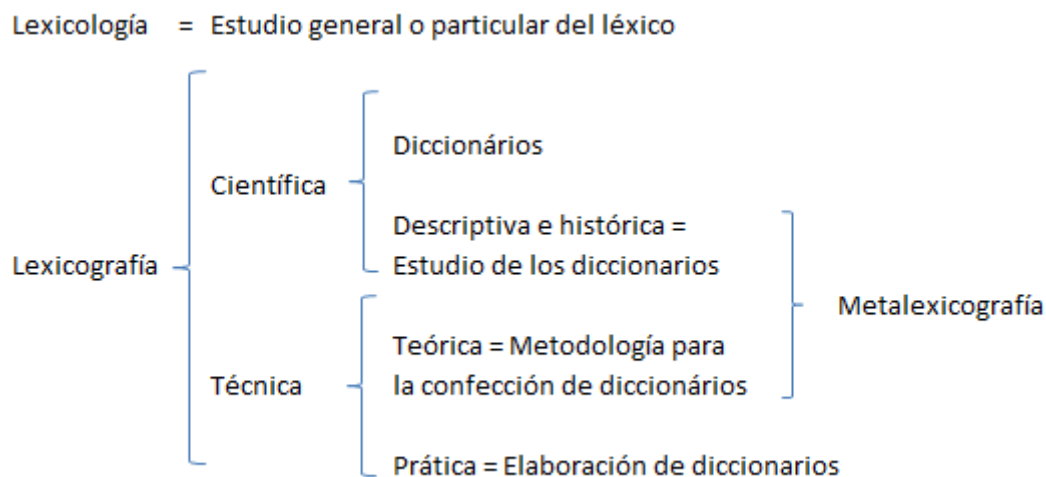


Figura 1: Características da Lexicologia e da Lexicografia propostas por Dapena (2002, p. 23)

Outros autores, como Hartmann; James (1998, p. 85), também definem Lexicologia, Lexicografia, Metalexigrafia, inclusive com definições, segundo Gomes (2007, p. 73), “mais específicas e contemporâneas”. Na visão dos referidos autores, a Lexicografia é uma atividade profissional e acadêmica e possui duas divisões básicas: a Lexicografia teórica e prática.<sup>10</sup>

Para Hartmann; James (1998), o aspecto teórico e o prático da Lexicologia e da Lexicografia também são características diferenciadoras, entretanto, para eles, é a Metalexigrafia que tem por objeto as discussões relativas ao conteúdo dos dicionários, tipologia, críticas a partir do uso que se faz dessas obras. Para Hartmann; James (1998, p. 86), “a Lexicografia é um termo arcaico para a arte de construir e expressar definições.”<sup>11</sup>

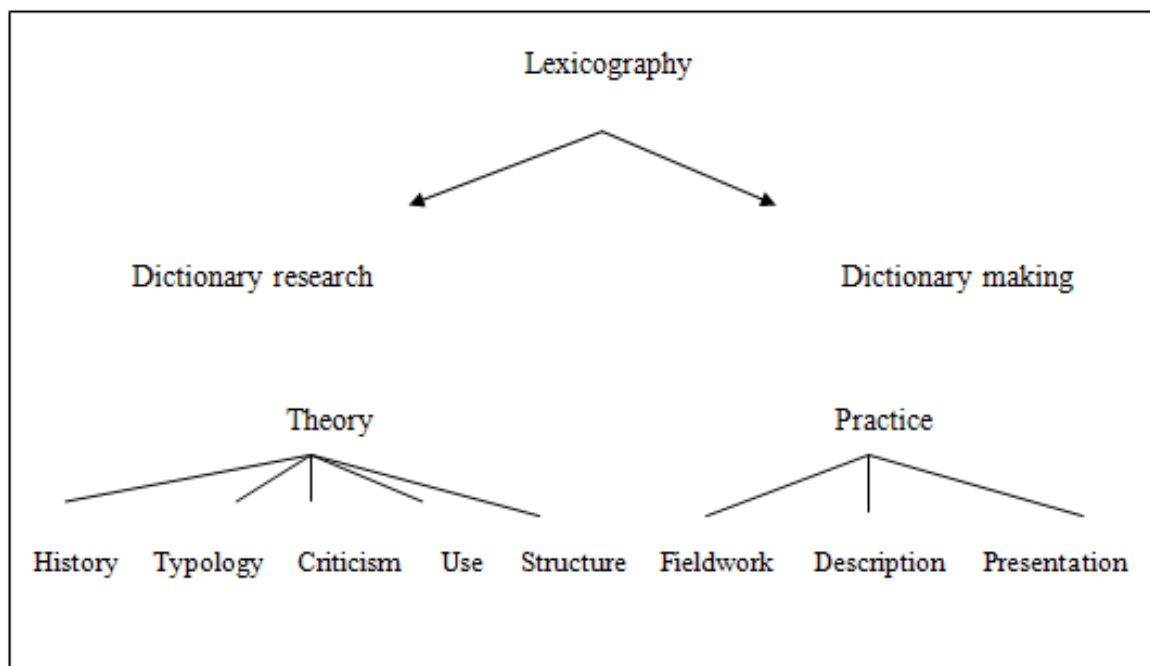
Hartmann; James (1998) propõem o quadro a seguir:

---

su realización o, en fin, al análisis de los mismos; cuando se refiere a estos dos últimos aspectos hablamos de **lexicografía teórica** o **metalexigrafia**, que estará estructurada en dos partes: una de tipo descriptivo, crítico e histórico, que se ocupa del estudio de los diccionarios existentes, junto a otra de carácter técnico o metodológico, que a su vez puede tener carácter general, al estudiar cuestiones que atañen por igual a la elaboración de cualquier obra lexicográfica. (DAPENA, 2002, p. 24)

<sup>10</sup> Lexicography the Professional activity and academic field concerned with DICTIONARIES and other REFERENCE WORKS. It has two basic divisions: lexicographic practice, or DICTIONARY-MAKING, and lexicographic theory, or DICTIONARY RESEARCH. (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 85)

<sup>11</sup> “Lexicography: archaic term for the art of constructing and expressing DEFINITIONS of words.” (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 86)



Quadro 1: Áreas de atuação da lexicografia (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 86)

Diante de diferentes pontos de vista, necessário se faz tomarmos nossa posição: para nós, existe uma inter-relação entre Lexicologia e Lexicografia e, no âmbito deste trabalho, tomamos a posição de Barros (2002, p. 51), ao afirmar que “a Lexicologia se define como o estudo científico do léxico e sua unidade padrão é a unidade lexical”, podendo ser “estudada no eixo das substituições (eixo paradigmático) e no eixo das combinações (eixo sintagmático)” em seus “diferentes aspectos (morfofossintáticos, léxico-semânticos e semântico-sintáticos)”.

Já a Lexicografia elabora “dicionários de língua ou especiais” e define este último do seguinte modo:

Os chamados dicionários especiais, ou seja, dicionários de língua que registram apenas um tipo de unidade lexical ou fraseológica, como, por exemplo, os dicionários de expressões idiomáticas, de provérbios, de ditados, de gírias, de sinônimos, de antônimos etc. Podem ser monolíngues, bilíngues ou multilíngues. (BARROS, 2002, p. 55-56)

Para nós, existe essa Lexicografia que é prática, a que elabora dicionários, porém, por outro lado, existe também a denominada Lexicografia teórica ou Metalexigrafia que, como



especificou Welker (2004, p. 11), é o “estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, à crítica de dicionários, à pesquisa da história da lexicografia, à pesquisa do uso de dicionários (...) e ainda à tipologia.” Passemos a seguir à Metalexigrafia escolar.

## 2. Metalexigrafia escolar

Como afirmamos anteriormente, no âmbito deste artigo, Metalexigrafia é entendida como sinônimo de Lexicografia teórica. Para Gomes (2007, p. 75), a “atividade metalexigráfica teve como marco a publicação do primeiro manual internacional de Lexicografia, em inglês, de Ladislav Zgusta, datado de 1971”.

Em se tratando desse assunto, Medina Guerra (2003, p. 44) afirma:

A maioria dos autores que abordaram o tema (o início da lexicografia teórica ou metalexigrafia) situam o nascimento da teoria lexicográfica moderna, dependendo dos países nos quais o fenômeno é observado, entre os anos sessenta e setenta do século XX.<sup>12</sup>

Ao tratar da época em que teve início a Lexicografia teórica ou Metalexigrafia, Medina Guerra (2003) cita diversos autores, entre eles: Quemada (1990), que afirma ter sido em torno de 1960 que uma nova Lexicografia nasceu.

Outros autores citados por Medina Guerra (2003) são: Manuel Alvar Ezquerro, que tem como ponto de referência o ano de 1971, e Franz Josef Hausmann (1988), que situa a corrente metalexigráfica na Europa em dois momentos principais: o primeiro teria se dado em torno dos anos de 1967/1968, na França, com o surgimento dos seguintes trabalhos: *Les vocabulaires français* (1967), de Robert-Léon Wagner; o trabalho de Quemada *Les dictionnaires du français moderne, 1539-1863: Étude sur leur histoire, leurs types et leurs méthodes* (1967); e a *Historie des dictionnaires français* (1968), de Georges Matoré.

Ainda de acordo com Franz Josef Hausmann (1988), citado em Medina Guerra (2003, p. 44), o segundo momento da Metalexigrafia europeia aconteceu por volta dos anos 1970 e 1971 com a publicação de obras como *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire* (1971), de Jean Dubois e Claude Dubois; e *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains* (1971), de Josette Rey-Debove. A autora (MEDINA GUERRA, 2003, p. 45)

---

<sup>12</sup> La mayoría de los autores que se han ocupado del tema (los inicios de la lexicografía teórica o metalexigrafia) sitúan el nacimiento de la teoría lexicográfica moderna, dependiendo de los países donde se observe el fenómeno, entre los años sesenta y setenta del siglo XX. (MEDINA GUERRA, 2003, p. 44)

também cita a corrente de estudos históricos que surgiu nos Estados Unidos a partir da “publicação do *dicionário Webster*”.

Já Welker (2008, p. 2), tratando da Metalexigrafia brasileira, cita inicialmente Barbosa (1995). Esta autora afirma que as disciplinas de Lexicologia e Lexicografia estão presentes nos currículos acadêmicos do curso de Letras desde 1971. Se, para Welker, era de se esperar que tenha havido algum tipo de reflexão metalexigráfica desde essa época, ele registra que é somente em 1980 que surgiram os primeiros trabalhos.

A Metalexigrafia escolar é entendida, no âmbito deste trabalho, como a “análise teórica que visa fornecer subsídios conceituais e técnicos à Lexicografia escolar” (GOMES, 2007, p. 77). Por sua vez, a finalidade da Metalexigrafia escolar é:

fazer a crítica de obras lexicográficas escolares existentes com o intuito de gerar reflexão linguística e metodológica sobre o próprio objeto de estudo, o dicionário escolar, específico por seu público-alvo, configuração gráfica, discurso lexicográfico e finalidade pedagógica (GOMES, 2007, p. 77)

Gomes (2007, p. 77) acrescenta ainda que os trabalhos nessa área no Brasil são “praticamente inexistentes; o que leva a crer que se faz urgente a sistematização dos conhecimentos lexicográficos e metalexigráficos voltados para o público escolar e infantil.”

Nossa intenção, ao partilharmos a opinião da autora sobre o que vem a ser Metalexigrafia escolar, é refletir sobre o fazer lexicográfico de dicionários escolares, tendo em mente as suas contribuições para o ensino.

A seguir, abordaremos os aspectos da Lexicografia escolar no Brasil.

### **3. Aspectos da Lexicografia escolar no Brasil**

Segundo Gomes (2007, p. 78), não há dúvidas de que os dicionários escolares têm nos dicionários gerais de língua os seus antecessores, que por sua vez, têm origem remota. Para a autora (GOMES, 2007, p. 92), “a Lexicografia monolíngue em Língua Portuguesa tem suas origens, obviamente em Portugal e, em seguida, sua continuidade no Brasil, com desdobramentos de vários tipos.”

Para Nunes (2006, p. 183), os dicionários de Língua Portuguesa em Portugal “constituíram uma base para a Lexicografia, tanto em Portugal como no Brasil”. O autor

(NUNES, 2006, p. 183) afirma que “as obras *Vocabulário Português e Latino*, de Raphael Bluteau (1712-1728) e *Dicionário da Língua Portuguesa*, de António de Moraes Silva (1789) constituíram uma base para a lexicografia” dos dois países.

Ainda segundo o mesmo autor, especialmente no Brasil, foi durante o século XIX que surgiram os primeiros dicionários monolíngues brasileiros, em razão de diversas condições históricas. Num primeiro momento, para Nunes (2006, p. 205), surgem os pequenos dicionários, “de complemento à Língua Portuguesa, de regionalismos, glossários apensos a obras literárias e dicionários de termos técnicos”, para somente no século XX, surgirem as primeiras grandes obras lexicográficas, ou seja, a produção lexicográfica brasileira é tardia.

Gomes (2007, p. 95) cita também a obra publicada em 1967, a pedido da Academia Brasileira de Letras, o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antenor Nascentes, o *Grande e Novíssimo dicionário da Língua Portuguesa* de Laudelino Freire, o *Caldas Aulete*, o dicionário publicado pela editora Melhoramentos e, com especial destaque, o *dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*, além do dicionário *Houaiss*.

Em se tratando especialmente de dicionário escolar, importante citarmos duas questões: primeiro, a divergência de nomenclatura encontrada para designar a mesma obra: *minidicionário*, *dicionário escolar*, *pequeno dicionário júnior*, entre outras e, segundo, registrarmos que, antes de 2001, não havia qualquer discussão relativa aos parâmetros de avaliação dessas obras.

Foi somente no ano de 2000 que o Ministério da Educação e Cultura (MEC), por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), deu início à inclusão dos dicionários escolares de Língua Portuguesa às políticas oficiais para materiais didáticos. Com a participação de universidades públicas, passou a selecionar obras que atendessem aos projetos pedagógicos das escolas que, por sua vez, foram adquiridas e distribuídas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE.

O PNLD, apesar de muito antigo (sua primeira versão, sob outra denominação, data de 1929), é voltado à distribuição de obras didáticas. O objetivo principal desse programa era selecionar os livros didáticos que seriam distribuídos em todo o Brasil.

Em 2001, o PNLD/MEC propôs pela primeira vez a avaliação de dicionários de 1ª a 4ª séries do ensino Fundamental. Iniciativa essa que foi considerada de grande impacto na educação.

Na ocasião, foram avaliados 35 dicionários, dos quais 06 foram recomendados com distinção, 06 recomendados, 11 recomendados com ressalvas e 12 foram excluídos (GUIA PNLD/MEC 1999 5ª a 8ª série).

No ano de 2001, participaram da seleção os chamados minidicionários, obras que continham entre 15 e 35 mil verbetes, voltados ou não ao público-escolar. Rangel (2008, p. 102) afirma que os minidicionários eram “concebidos quase sem exceção para um público adulto já escolarizado e, via de regra, elaborados como simplificação editorial e/ou compactação, muitas vezes pouco criteriosa, de dicionários padrão da língua.”

O autor acrescenta (RANGEL, 2008, p. 102):

a maior parte dos títulos aprovados mostrou-se distante do nível de letramento dos alunos, de sua linguagem e de sua proficiência em leitura. Além disso, recorrem, quase sempre, a estratégias e ferramentas de descrição linguística pouco familiares para esse público (e, em um ou outro caso, até mesmo para os professores). Planejados, na origem, para uma ampla cobertura do léxico, mas severamente limitados em seu escopo pelos limites do suporte “minidicionário”, assim como por sua destinação escolar, esses dicionários parecem, antes de tudo, *dispersivos* e arbitrários, em sua seleção vocabular.

Em 2002, com o objetivo de distribuir um dicionário de Língua Portuguesa a cada aluno do ensino Fundamental, o PNLD/MEC 2006 continuou seu trabalho e, dessa vez, atingindo os alunos das 5ª e 6ª séries.

No ano de 2003, houve uma nova ampliação na distribuição das obras e, nesse momento, todos os alunos do ensino Fundamental passaram a receber os dicionários de Língua Portuguesa.

Em 2004, o PNLD/MEC distribuiu cerca de 38,9 milhões de dicionários, que foram entregues a cada aluno, que podia, inclusive, levá-lo para casa. Dos 19 dicionários avaliados, 01 foi recomendado com distinção, 05 foram recomendados, 10 foram recomendados com ressalvas e 03 excluídos.

Em 2005, o modo como os dicionários eram entregues foi reformulado. Nesse momento, foram entregues obras a todas as escolas de 1ª a 4ª séries do ensino Fundamental e os parâmetros de avaliação de dicionários foram repensados.

Os dicionários, nesse momento, foram divididos em tipos, 1, 2 e 3 e compuseram acervos que foram entregues às escolas. Cada tipo foi confeccionado para um público e uma

faixa etária específicos visando a um aproveitamento mais direcionado ao ensino da alfabetização e do letramento para os alunos do ensino Fundamental.

A seguir, o detalhamento desses acervos:

<b>Público-alvo</b>	<b>Acervos</b>	<b>Ensino Fundamental de oito anos</b>	<b>Ensino Fundamental de nove anos</b>
Turmas em fase de alfabetização	Acervo 1 Composto por dicionários de Tipo 1 e Tipo 2	1ª e 2ª séries	1º ao 3º ano
Turmas em processo de desenvolvimento da língua escrita	Acervo 2 Composto por dicionários de Tipo 2 e Tipo 3	3ª e 4ª séries	4º e 5º anos

**Quadro 2: Distribuição dos acervos propostos pelo PNLD/MEC 2006**

Assim, os dicionários divididos em tipos, no ano de 2006, foram dessa forma caracterizados:

- Dicionários do tipo 1 são aqueles que contêm um número mínimo de 1000 e máximo de 3000 verbetes e proposta lexicográfica adequada à introdução do alfabetizando ao gênero *dicionário*;
- Dicionários do tipo 2, que possuem um número mínimo de 3.500 e máximo de 10.000 verbetes e proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita;
- Dicionários do tipo 3, mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes e proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão, porém adequada a alunos das últimas séries do primeiro segmento do ensino Fundamental.

Nesse sentido, os dicionários do tipo 1 e 2 foram distribuídos ao grupo de alunos que cursam do 1º ao 3º ano e os dicionários do tipo 2 e 3 ao grupo de alunos que cursam o 4º e 5º anos do ensino Fundamental.

Vários autores comentam a respeito da iniciativa do PNLD/MEC, entre eles Krieger (2006, p. 71). Para ela, essa atitude do governo “traduziu diretrizes de uma importante política pública, de âmbito nacional, no plano da Lexicografia e, em particular, no da Lexicografia direcionada para a escola.”

A autora (KRIEGER, 2006, p. 236) aponta também para o lugar de destaque dos dicionários ao lado dos livros didáticos e acrescenta:

Embora os dicionários de língua não possam ser classificados como livros didáticos *stricto sensu*, seu potencial pedagógico é indubitável, pois ajudam o aluno a ler, a escrever, a expressar-se bem, oferecendo-lhe informações sistematizadas sobre o léxico, seus usos e sentidos, bem como sobre o componente gramatical das unidades que o integram.

Para Rangel (2008, p. 95), a inclusão dos dicionários no PNLD/MEC é um fato positivo, pois depois da adoção desses parâmetros, o dicionário passou a ter um “caráter didático-pedagógico fundamental.”

Por outro lado, na visão de Damin e Peruzzo (2006, p. 95), essa análise, num primeiro momento, provocou uma imediata corrida das editoras para adequarem suas obras e, conseqüentemente, poderem participar das avaliações propostas pelo respectivo órgão e, logo após, uma melhoria na qualidade dessas obras.

A nosso ver, se antes de 2001 não dispúnhamos de nenhum parâmetro avaliador de um dicionário dito escolar, realmente, podemos registrar um avanço. Krieger (2006, p. 17) comenta “a total ausência, em nosso meio, de estudos que proponham parâmetros de organização lexicográfica para a escola.”

Em 2012, o PNLD/MEC aumentou a sua área de atuação e incluiu os dicionários especialmente destinados ao ensino Médio, com o objetivo de “equipar as escolas com um número significativo de diferentes tipos e títulos de dicionários” (GUIA PNLD/MEC 2012-Dicionários, p. 19).

A seguinte divisão foi proposta:

<b>Tipos de dicionários</b>	<b>Etapa de ensino</b>	<b>Caracterização</b>
Dicionários de tipo 1	1º ano do ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"><li>• Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes;</li><li>• Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.</li></ul>
Dicionários de tipo 2	2º ao 5º ano do ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"><li>• Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes;</li><li>• Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.</li></ul>
Dicionários de	6º ao 9º ano do	<ul style="list-style-type: none"><li>• Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000</li></ul>

tipo 3	ensino Fundamental	<p>verbetes;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino Fundamental.</li> </ul>
Dicionários de tipo 4	1º ao 3º ano do ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes;</li> <li>• Proposta lexicográfica própria de dicionário padrão de uso escolar, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.</li> </ul>

**Quadro 3: Distribuição dos acervos propostos pelo PNLD/MEC 2012**

A partir do exposto, é possível percebermos que a divisão dos dicionários em tipos agrupados em grupos continua: de um lado, as obras do tipo 1 e 2; de outro, as obras do tipo 3 e 4. A alteração proposta pelo PNLD/MEC 2012, nesse quesito, foi a inclusão dos dicionários do tipo 4, ou seja, aqueles destinados ao ensino Médio e Profissionalizante. Também faz se necessário considerar que prevalece o critério da quantidade de entradas e do público alvo a que a obra se destina.

Para o PNLD 2012, “os dicionários de um determinado tipo diferem dos demais não só pela quantidade e pelo tipo de palavra que registram, mas, ainda, pelo tratamento que dão às explicações de sentidos, à estrutura do verbete e à organização geral do volume”. (GUIA PNLD/MEC 2012-Dicionários, p. 20).

Pelo fato de serem direcionados a um público em fase de alfabetização e consolidação da escrita e, portanto, possuírem um porte limitado e distante da representação do léxico, o PNLD 2012 acrescenta que os dicionários do tipo 1 e 2 não se “constituem, a rigor, como dicionários. São, antes, repertórios de palavras organizados como tais, com o objetivo de introduzir (Tipo 1) e familiarizar (Tipo 2) o aluno do primeiro seguimento [...]”.(GUIA PNLD/MEC 2012-Dicionários, p. 21).

Por outro lado, segundo o PNLD 2012, os dicionários do tipo 3 e 4 são destinados a pré-adolescentes e se inserem nos “padrões estabelecidos de representatividade e muito se

aproximam de dois modelos bastante difundidos: o minidicionário e o dicionário padrão.” (GUIA PNLD/MEC 2012-Dicionários, p. 21).

Além disso, o PNLD/MEC 2012 apresentou a publicação “Com direito à palavra: dicionários em sala de aula”, cujo objetivo é apresentar esses dicionários aos professores, inclusive, com sugestões de atividades para serem realizadas na sala de aula.

Como afirmarmos, sem dúvida, a inclusão dos dicionários no PNLD/MEC, bem como a sua divisão em tipos destinados a um público específico e com um número determinado de entradas representa um avanço no universo da Lexicografia escolar, mas apesar desses avanços, para nós, a questão não se encerra aqui. Em uma análise superficial dessa divisão poderíamos nos perguntar:

- Se os dicionários do tipo 1 possuem um número mínimo de 500 verbetes e máximo de 1.000 e os do tipo 2 um mínimo de 3.000 e máximo de 15.000, como se classificam as obras que possuem entre 1.000 e 2.000 verbetes?
- Se os dicionários do tipo 3 possuem um número mínimo de 19.000 verbetes e máximo de 35.000 e os do tipo 4 um mínimo de 40.000 e máximo de 100.000, como se classificam as obras que possuem entre 35.000 e 40.000 verbetes?

Para avaliarmos as possibilidades pedagógicas dessas obras, além de uma divisão em tipos, julgamos que há questionamentos mais importantes, tais como a qualidade dos dicionários, quais são efetivamente as necessidades dos usuários, qual a origem e quais unidades devem compor a nomenclatura, quais os critérios adotados pelos lexicógrafos na confecção da microestrutura dessas obras, entre outros. Ademais, como citamos, a *Metalexigrafia escolar*, é relativamente nova, o que nos leva a crer que ainda há muito a se refletir. A seguir, nossas considerações finais.

### **Considerações finais**

Sem dúvida, quando o assunto é dicionário escolar, certamente, estamos vivenciando momentos iniciais de atuação de uma política pública específica. Certamente, a inclusão dos dicionários no PNLD/MEC fez surgir um produto específico, no caso, o dicionário escolar, que está direcionado a um público-alvo determinado e com uma estrutura própria voltada para esse fim.



Por outro lado, apesar da reformulação da proposta feita pelo PNLD/MEC 2006, (considerar o número de entradas, o público-alvo a que a obra se destina e o nível de escolaridade do aluno), e agora a ampliação proposta pelo respectivo órgão PNLD/MEC 2012 incluindo dicionários especialmente destinados ao ensino Médio e Profissionalizante, ainda assim elas se tornam, às vezes, insuficiente para resolver a problemática do dicionário escolar, pois sabemos que ainda há muito a se fazer. No entanto, não podemos deixar de acrescentar que, discutir essa problemática é uma possibilidade que dá início à construção do perfil dos dicionários escolares.

Para concluir, diante do exposto, cremos que os princípios e critérios propostos pelo PNLD/MEC 2012 que classifica os dicionários em tipos: 1, 2, 3 e 4 prezam sim pela qualidade do material, entretanto, acrescentamos que são necessárias análises no âmbito da Lexicologia/Lexicografia para que os lexicógrafos possam refletir a confecção de obras cada vez mais funcionais e que possam atender e contribuir cada vez mais com os seus usuários.

## Referências

- BAGNO, Marcos. Dicionários, variação linguística & ensino. In: CARVALHO, ORLENE L. DE SABÓIA; BAGNO, MARCOS (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas & usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.p.119-140.
- BARROS, Lídia Almeida. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2002.
- BRASIL. MEC/FNDE. Edital de Convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de dicionários brasileiros de Língua Portuguesa para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. Brasília: SEF/MEC, 2006. 32 p.
- BRASIL. SEF/MEC. Guia de livros didáticos do PNLD 1999 — Dicionários. Brasília: SEF/MEC, 1999.
- BRASIL. SEF/MEC. Guia de livros didáticos do PNLD 2012 — Dicionários. Brasília: SEF/MEC, 2012.
- CASARES, JÚLIO. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3.ed. Madrid : Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992, 354 p.
- DAMIN, Cristina Pimentel; PERUZZO, Marinella Stefani. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. In: XATARA, CLAUDIA, HUMBLE, PHILIPPE (eds.): *Tradução e*

*lexicografia pedagógica*, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 93-113, 2006 (= Cadernos de tradução XVIII).

DAPENA, José-Álvaro Porto. *Manual de técnica lexicográfica*. Ed. Arco/ Libros, S. L, 2002. 367 p.

GOMES, P.V.N. *O processo de aquisição lexical na infância e a metalexicografia do dicionário escolar*. Brasília: 2007, 327f. Tese (Doutorado em linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la linguística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gregos, 1982.

HARTMANN, R.R.K; JAMES, Gregory. *Dictionary of Lexicography*. London & New York: Routledge/Taylor and Francis [2nd revised paperback edn].1998. 176 p.

KRIEGER, Maria da Graça. Questões de Lexicografia pedagógica. In: XATARA, CLAUDIA; BEVILACQUA, CLECI REGINA; HUMBLÉ, PHILIPPE, RENÉ MARIE (Org.). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 103-113.

\_\_\_\_\_. *Políticas públicas e dicionários para escola: O Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática*. Cadernos de Tradução: Florianópolis, v.2, n.18, p.235-252, jul./dez.2006.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LARA, L. F. *Sociolingüística del Diccionario del Español de México*. International Journal of the Sociology of Language, 96, 1992. p. 19-34.

MEDINA GUERRA, Antonia A. *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 2003.

MEIRELES, Cecília. *Obra em Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do séc. XVI ao XIX*. São Paulo: Pontes, 2006.

RANGEL, Egon de Oliveira. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. *Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Florianópolis, p.94-114, 2008.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2.ed. Brasília: Thesaurus, 2004. 301p.

\_\_\_\_\_. Lexicografia Pedagógica: Definições, história, peculiaridades. In: XATARA, C., BEVILACQUA, C. & HUMBLÉ, P. (org.). *Lexicografia Pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Florianópolis: UFSC/NUT, 2008, p.9-45.

Artigo recebido em abril de 2013.

Aceito em julho de 2013.